

Fernando Ocazone/Divulgação

Tragédias íntimas entrelaçadas

Dirigido por Marta Paret, espetáculo ‘Histórias Veladas’ dá voz a experiências femininas

Dirigido por Marta Paret, o espetáculo “Histórias Veladas” ocupa o Retrato Espaço Cultural, na Glória, com sessões aos sábados, às 19h30, até sábado. Com estrutura intimista, o trabalho se debruça sobre vivências do universo feminino, trazendo à cena temas como assédio, sexualidade, relações abusivas, aborto, bullying, maternidade e transição de gênero.

A ideia do projeto nasceu a partir da leitura de “Explosão Feminista”, de Heloísa Buarque de Hollanda. “O livro me provocou de maneira vigorosa. E eu percebi que era muito importante trazer pro teatro nosso universo feminino, a partir das nossas vivências”, expli-

ca a diretora, que há 15 anos pesquisa formas de expressão dramática fora dos palcos convencionais e foi indicada ao Prêmio APTR em 2020.

A montagem reúne no elenco as atrizes Ângela Câmara, Beatriz Marques, Dayse Pozato, Flávia Fafiães e a própria Marta Paret, que também assinam os textos que interpretam em cena. O espaço cênico, delimitado por uma instalação de luz, estabelece uma atmosfera sensorial e aproxima atrizes e espectadores, convidando o público a uma experiência imersiva e de cumplicidade. A iluminação assinada por Paulo Denizot, indicada ao Prêmio Shell em 2020, atua como elemento dramaturgicamente e conduz a narrativa — ora realista, ora onírica — evocando o caráter fragmentado da memória.

SERVIÇO

HISTÓRIAS VELADAS

Retrato Espaço Cultural (Rua Benjamin Constant, 117, Glória) | Sábado (7), às 19h30 | Ingressos: R\$ 60 e R\$ 30 (meia)



A montagem reúne no elenco as atrizes Ângela Câmara, Beatriz Marques, Dayse Pozato, Flávia Fafiães e a própria Marta Paret

Delírio e cena no mesmo corpo

Coletivo Delicadas Criaturas leva à Sala Preta o monólogo ‘9’, que articula loucura, teatro e memória

Aos 85 anos, a ex-atriz Laura Gomes vive isolada após um episódio traumático. Seu diagnóstico flutua entre esquizofrenia e transtorno dissociativo de identidade. Em estado catatônico, ela se cala para o mundo, mas, em rompantes compulsivos, sua voz explode no palco, encarnando personagens femininas da tradição ocidental — de Shakespeare a Molière, de Brecht a Sófocles. É nesse limiar entre colapso psi-



Em ‘9’, Nara Keiserman dá vida a uma ex-atriz em estado de delírio

quico e arte cênica que se constrói o espetáculo “9”, que reestrea nesta sexta-feira (6) no Espaço Sergio Porto, no Humaitá.

Dirigido por Demetrio Nicolau, com dramaturgia assinada por ele e por Nara Keiserman, o monólogo convida o público a refletir sobre o papel da arte — e do próprio teatro — como possibilidade de cura ou escuta diante do sofrimento mental. A plateia assume a função simbólica de teste-

munha, mas também de colaboradora do processo terapêutico, como se estivesse integrada a um experimento cênico-médico em tempo real. “Será que as comunidades médica e teatral são capazes de colaborar com a cura de Laura Gomes?”, provoca o coletivo Delicadas Criaturas, que assina a montagem.

No palco, a atriz Nara Keiserman interpreta nove personagens femininas clássicas,

Renato Mangolin/Divulgação

SERVIÇO

9

Espaço Sergio Porto (Rua Humaitá, 163)

De 6 a 29/6, às quintas e sextas (20h)
Ingressos: R\$ 60

organizadas em torno dos chamados “nove rasas” — as emoções fundamentais descritas no “Natyasastra”, tratado indiano milenar sobre performance. Essa concepção estética serviu de base para o rasaboxes, método de preparação do ator criado por Richard Schechner, referência do teatro performativo contemporâneo.

A cada mudança emocional, uma nova persona se revela. O cenário, os figurinos e a luz são mínimos, quase invisíveis, e funcionam como suporte para uma composição centrada no trabalho vocal e gestual da intérprete. Cada personagem ganha corpo e timbre próprios, refletindo com precisão a emoção central que a move. O resultado é uma partitura cênica meticulosa, que oscila entre o lirismo e o desamparo, entre o riso e o abismo.

“9” é o terceiro trabalho do Delicadas Criaturas, coletivo criado em 2021 por Demetrio Nicolau, Nara Keiserman, Marcus Fritsch e Carlos Alberto Nunes. A proposta do grupo nasce da crença de que a delicadeza, longe de ser fragilidade, é potência — um modo de estar no mundo que resiste à brutalidade cotidiana e encontra no teatro um espaço de pausa, escuta e presença.